

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

Francisco Silva Gaspar

registada em 2008-09-18
por

Susana Pires e Joana Ribeiro

Francisco Silva Gaspar

Francisco da Silva Gaspar nasceu no Piódão, a 16 de Outubro de 1933. No Piódão é conhecido por Chico Mestre, alcunha que herdou do pai. O pai chamava-se José Lopes Gaspar e a mãe Urbana dos Anjos. Trabalhavam na agricultura. O pai trabalhou no lagar, no Alentejo. A mãe tratava da vida da casa. Francisco frequentou a escola em quatro lados, no Piódão, em Chãs d'Égua, no Sobral Magro e foi tirar a terceira classe a Pomares. Quando saiu da escola, ficou um tempo na aldeia, mas depois foi para o Ribatejo, com 14 anos. Ia numa contrata de nove meses. Foi para Torres Vedras, durante um ano. Acabado esse ano foi para Lisboa, fazer distribuição da batata e depois para a estiva. Mais tarde foi trabalhar nas feiras, durante quatro anos, vender roupa, quinquilharias e os santos. Distribuiu correio durante dois anos. Depois foi para Lisboa, para o ar condicionado. Primeiro a alombar tubos, depois ajudante de camioneta. Passados três anos, foi para ferramenteiro e depois foi porteiro. Regressou ao Piódão e reformou-se. Na aldeia começou “a trabalhar numas terrazitas”.

Índice

Identificação Francisco da Silva Gaspar.....	4
Ascendência José Lopes Gaspar e Urbana dos Anjos.....	5
Casa Duas casas para a família.....	6
Educação Terceira classe em quatro escolas.....	6
Infância Entre amigos.....	7
Religião "Porque era obrigatório".....	8
Percurso profissional De alombar aos santos, a carteiro, ferramenteiro e porteiro.....	8
Costumes Outros tempos.....	13
Lugar Um pouco do Piódão.....	13
Quotidiano "Trabalho numas terrazitas".....	16
Sonhos "Pensar em viver bem está certo".....	16
Avaliação Memórias de outros tempos.....	17

Identificação *Francisco da Silva Gaspar*

O meu nome é Francisco da Silva Gaspar. Nasci no Piódão, a 16 de Outubro de 1933.

No Piódão sou conhecido por Chico Mestre. Esta história começa quando o meu pai esteve a trabalhar para o homem mais abastado do Piódão. O meu pai ajeitava-se muito bem a arrancar pedra, toda a gente o queria. Uma altura, andava ele a romper uns bocados em frente à povoação, quando o patrão o mandou para o lagar, em Foz d'Égua, durante a safra da azeitona. Chega lá e era:

- "Ó Zé Mestre!" Começaram-lhe a chamar de "Mestre". E depois aos filhos. O filho do Zé "Mestre". Começaram a chamar aos filhos de "Mestre". Que isto é uma alcunha, porque o meu pai não tem nada de mestre.



Francisco da Silva Gaspar (anos 60)

Ascendência *José Lopes Gaspar e Urbana dos Anjos*

O meu pai chamava-se José Lopes Gaspar e a minha mãe Urbana dos Anjos. Os meus pais trabalhavam na agricultura. Semeavam milho e centeio nas encostas. Era a colheita que eles tinham. E era a azeitona para todo o ano. A partir de Março, começavam a amanhar as terrazitas e de lá é que viviam. Semeavam as batatas, o feijão e o milho. Apanhavam depois a azeitona, que era para fazer o azeite. Terminando o Outono, tinham de ter o celeiro cheio para todo o ano. Faziam azeite. O meu pai trabalhou no lagar, no Alentejo, mas era tudo com máquinas, não era à moda do Piódão, tudo ao braço. A minha mãe é que tratava da vida da casa. Fazia o pão, o queijo e o comer. O trabalho dela era esse.

O mais novo de sete irmãos

Tive quatro irmãs e três irmãos. Éramos sete. Acho que eram mais três, mas morreram novos, nem os cheguei a conhecer. Eu era o mais novo. Tenho uma diferença de quatro anos da minha irmã que mora ao pé de mim, que é a mais chegada.

Já pouco brinquei com os meus irmãos. Quando comecei a andar, já a maioria deles não estava na aldeia. Começaram a sair cedo, uns andaram no Ribatejo, depois começaram a ir para Lisboa, e andaram nas Minas da Panasqueira. Iam para lá e depois só vinham a casa ao fim-de-semana. Eram duas horas, duas horas e meia, mais ou menos, a pé. Nesse tempo não havia transportes. Pouco lidei com os meus irmãos. Eles lá iam pedir trabalho. Aqueles que lá trabalhavam pediam para levar mais pessoal e nessa altura, na altura do volfrâmio, quantos lá apareciam, eram quantos lá trabalhavam. Eu nunca lá trabalhei, mas aquilo era a arrancar pedra. Passei lá muitas vezes, mas já trabalhava pouca gente. Mas sei que havia muitos buracos com profundidade. Eles tinham que descer escadas, para ir para as profundidades. O trabalho era por turnos. Uns trabalhavam de noite e outros de dia. Os que trabalhavam uma semana de dia, trabalhavam na outra de noite. Ficavam nas casernas, nas casas de ficar. Aquilo era um bocado duro, mas era onde eles ganhavam um dinheirito. Iam à procura de melhor, como toda a gente.

No Piódão era tudo de enxada, do poder da lombada, fosse o que fosse, fosse lenha ou fosse a trazer os cereais para casa. Era tudo às costas, não havia outra hipótese. Então, eles logo que pudessem mexer os pés da aldeia para fora, era logo. Ganhavam o dinheiro deles mas mandavam sempre para os pais. Ficavam com algum para eles, mas nunca se esqueciam dos pais. Quando era pela Páscoa,

ou quando era pelo Natal, ainda tinha de ir buscar a Vide ou a Pomares, que era onde havia carreiras. Despachavam aquilo que eles podiam arranjar, mercearia. Às vezes, valia mais mandarem o dinheiro. As mercearias tinha que eu depois ir buscá-las a Vide ou a Pomares. Mas, no Piódão, as mercearias eram um bocadito mais caras, porque também tinham que gastar dinheiro para as ir buscar. Para trazer os fretes era com um macho. Os machos também tinham que comer e tinham aquilo tudo. Também tinham de levar mais uns tostões.

Casa Duas casas para a família

Lembro-me da minha casa. O meu pai fez a casa encostada à do meu avô, que hoje está abandonada. Na parte de baixo tinha a loja, ampla, onde debulhavam os cereais, o milho. A parte de cima é que estava dividida em quatro. Um quarto, uma sala, uma cozinha e tinha uma dispensazinha ao lado. O quarto era dos pais. Os filhos, uns dormiam nessa casa e os outros noutra casa que tínhamos, abaixo da minha, que era do meu avô materno. Agora já não é nossa. Calhou a um meu irmão e ele e vendeu-a. Então, os irmãos ficavam separados. As raparigas ficavam na casa com os pais e os rapazes iam para a outra casa.

Educação Terceira classe em quatro escolas

Eu andei na escola em quatro lados. Andei no Piódão, em Chãs d'Égua, no Sobral Magro e fui tirar a terceira classe a Pomares. Também só andei eu e o António Lourenço. As professoras estavam no Piódão pouco tempo. A aldeia era ruim. Iam de férias e já não voltavam. Andei uns dois anos para tirar a primeira classe. Elas iam-se embora. Então, ia a pé para Chãs d'Égua e para Sobral Magro. Demorava perto de uma hora. Subia a serra, chovesse ou não chovesse. Às vezes chegávamos lá todos molhados. Enxugávamos a roupa no corpo. Levávamos a buchazita no saquito. Era um bocado de carne, que era o abastecimento cá da terra. Matava-se um porco, que dava para todo o ano. Era salgado. Depois era um bocado de carne, frita ou cozida, e um bocado de broa. E era assim a nossa merendazita. Quando fomos para Pomares ficávamos lá. Mas eu andei poucos dias. O Lourenço é que tirou a quarta classe. Mas eu desisti.

Infância *Entre amigos*

Lenha para o lume

Quando era pequeno, saíamos da escola, vínhamos para casa e ainda tínhamos que ir deitar o gado. Só no Inverno é que não, porque a gente chegava a casa e já era noite. Mas, de manhã, tínhamos de ir à lenha antes de ir para a escola. Quando a escola era no Piódão, antes das aulas, já tínhamos de ter um carregamento de lenha. Gastava-se muita lenha porque não havia gás, não havia nada. Acendia-se o lume de manhã até à noite. Sempre o lume aceso todo o dia, quando era no Inverno. Para fazer o comer, para tudo. Era tudo à lareira.

Roubava cerejas

Eu brincava com o Fernando, meu vizinho, que já morreu, e com outro rapaz. Andáramos na escola os três. O padre António, que está na Moura, também andou connosco na escola, mas já foi mais tarde, porque ele tem mais três anos do que eu. Ele já foi tarde para a escola. Nós juntávamo-nos todos e éramos muito amigos. Éramos todos vizinhos, mas depois eles foram para o seminário. Ia-se para lá porque se aprendia mais facilmente. Num colégio gastavam muito dinheiro e os pais não tinham hipóteses para isso. Então mandavam-nos para os seminários, porque era mais em conta. Depois andavam lá um tempo e lá mudavam de ideias. Foram muitos do Piódão e só um é que cantou missa. De resto, saiu tudo. Nunca foram para padres. Um já estava prestes para isso, mas depois lá se arrependeu e foi a Barcelona tirar o curso de doutor de Letras. Um deles foi para África e agora está para Lisboa. Veio à aldeia e fomos almoçar juntos. Passámos em Chãs d'Égua, onde andámos na escola, e disse:

- "Ó Chico, quando éramos novos, roubáramos aqui muita cereja."

Lá numa bouça, num lugar a chegar ao Chãs d'Égua. Depois vinham lá os homens à pedrada para não deixar escapar a fruta. E lá fomos naquela conversa da escola.

Jogos de meninos e pastores

Havia um jogozito que a gente chamava de fito. Era como agora jogam a malha mas a gente era com umas pedras. Púnhamos uma pedra em frente e íamos a uma certa distância a ver quem deitava aquilo abaixo. Agora chamam o chinquilha. Nessa altura, era o fito.

No chincão, íamo-nos esconder, aí por um lado e por outro. Depois os outros iam à procura. Aquele que fosse apanhado, pelo que ia à procura, tinha de carregar às costas até o local onde a gente partia, onde saía. Também havia o jogo da chona, que era mais para os pastores. Lá nas serras, a guardar o gado, abriam uma cova como agora é o golfe. Era a mesma coisa. Depois, com uma moca das urgueiras, fazia-se um rolo como se fosse uma bola e ficava outra urgueira com um tamanho comprido. Ficava-se a ver quem metia lá dentro do buraco. Era urgueira, das do carvão que caem pelos montes. Quando se fazia o carvão, era daquelas urgueiras.

Religião "*Porque era obrigatório*"

Eu andei na catequese, porque era obrigatório. O meu pai esse o que queria era a fazenda, andava sempre por lá. Mas a minha mãe, já se sabe, se eu não fosse era bruta a bater. Tinha a mão dura, levei muita porrada dela. Eu sei que fiz os 14 anos e pirei-me. Tinha até à noite. Havia a oração e toda a gente tinha o terço. Se eu não ia:

- "Eu não te vi lá!"

- Estava, estava.

- "Então que versos é que cantaram?"

Eu, às vezes, ia lá ouvir. Ia à porta e via o que estavam a cantar.

- Olha cantaram este, este e aquele.

E ela lá ficava um bocado a pensar. Tinham cantado aqueles versos, mas eu tinha era ouvido cá de fora. E, se não ouvia, perguntava aos outros.

Quem dava a catequese eram umas catequistas que o padre arranjava. E ele também dava. Era na sacristia. Mas, quando era para fazer a Comunhão Solene, então tínhamos umas catequistas para ensinarem melhor aquilo. Era uma grande quantidade, tinha de se explicar o que era o Credo, o que eram as Obras de Misericórdia e muitas explicações que eles faziam para a Comunhão Solene. Agora faz-se de qualquer maneira. Antigamente tinha-se de decorar tudo.

Percorso profissional *De alombar aos santos, a carteiro, ferramenteiro e porteiro*

"Tudo de enxada"

Quando saí da escola, fiquei um tempozito na aldeia. Depois fui para o Ribatejo. Fui lá fazer 15 anos. Saí daqui no dia 1 de Outubro e fiz lá os 15 anos, no dia 16 de Outubro. Lá era difícil. Tinha de ir numa contrata. Vinha à aldeia um encarregado, trazia uma carta de contrata e contratava o pessoal, já com o que a gente ia comer e aquilo tudo. Nós íamos por nove meses. Durante esses meses, a alimentação era 30 quilos de farinha, litro e meio de azeite e 1 quilo de feijão. Para todo o mês nós tínhamos de nos orientar com aquela comida. Dormir era em cima de umas telhas. Uma coisa feita de palhas. A gente lá dormia em cima daquilo. E lá cumpri os nove meses. O ordenado eram 900 escudos, ao fim dos nove meses. Eram 100 escudos por mês. O trabalho era tudo no campo. Era tudo de enxada. Agora há máquinas mas, nessa altura, era feito tudo com enxada. Eram vinhas e trigo. Depois tinha os animais, bois, vacas. Tinha uma grande quantidade de vacas para o leite, e tinha os bois para abanar as terras. Eles é que lavravam a terra para o centeio e para o trigo. A enterrar o trigo, já éramos nós com as enxadas.

"Para cima do lombo, a bater prancha"

Depois fui para Torres Vedras. Lá só estive um ano. Acabado esse ano fui para Lisboa, a fazer distribuição da batata. Depois fui para a estiva. Mas não era efectivo. Estava sem cartão. Só trabalhava nos dias que havia descargas, que havia mais trabalho a fazer. O pessoal que não era encartado, que não tinha o cartão de estiva, só fazia o que os outros não queriam. Íamos à caça do conto. Mas primeiro eram contados o pessoal que era efectivo, quer dizer, que tinha o cartão de estivador ou de tráfego. Os que trabalhavam em mar eram os estivadores e os que trabalhavam em terra eram os do tráfego. Quando havia muitas descargas, vinham à rua chamar o pessoal que não era encartado. Aquilo era só para os serviços de alombar. Alombar é tudo o que vem para cima do lombo, a "bater prancha". A descarregar o bacalhau, a farinha, o trigo, a batata estrangeira, o cimento... O bacalhau, nessa altura, antes de fazer a Ponte 25 de Abril, vinha nos barcos e a gente é que o tirava. As secas eram em Alcochete. Depois lá vínhamos nos barcos para Lisboa e era lá que se descarregava. A farinha também era toda

descarregada lá. Tudo às costas. E eu andei sempre nisso. Alombei lá muito. Ainda lá andei um ano naquilo. Mas só na falta dos outros. Depois fizeram a Ponte 25 de Abril, tiraram aqueles trabalhos todos. As camionetas do cimento iam à Secil, no Carregado. Já não era preciso estar ali a descarregá-lo. O bacalhau e a farinha também. Então o pessoal da rua acabou todo. Eu chateei-me com aquilo, porque havia semanas que só fazia um dia. Então fui para o Norte.

Amor de Mãe, o mais vendido

Estava eu na Pampilhosa da Serra, na Rua dos Remédios, onde a gente ia almoçar, e perguntaram-me se eu queria ir para o Norte, para trabalhar nas feiras. E eu fui. Estive lá quatro anos. Isso foi em 1968 ou 1969, mais ou menos. Fui para Penafiel fazer umas feiras. Tínhamos feiras de ano, pelo menos. Fazíamos Mesão Frio, fazíamos Lousada, corríamos aqueles concelhos todos, por ali fora. Vendíamos roupa, quinquilharias, mas o meu forte eram os santos. Quando não tínhamos feiras, íamos vender santos pelas portas. Dava melhor até ir vender às portas. E então facilitávamos, ficavam a pagar um tanto por semana, deixávamos o quadro e eles ficavam a pagar o resto a 5 escudos por semana. Era a prestação para vender os santos às portas. Nas feiras era tudo pronto pagamento. A escolha dos santos era conforme o cliente. Um queriam este, outras queriam aquele. Eu tinha todos. Tinha santos para todas as idades. Nem que, às vezes, se pintasse por outro nome. O que se vendia às raparigas solteiras, quando estavam com os conversados, era logo um quadro que se chamava o Amor de Mãe. Agarravam, ficavam logo com ele. Mas o que mais se vendia era a Ceia de Cristo, o Coração de Jesus e de Maria. Esses eram os mais preferidos. Depois havia um que era António, queria o Santo António. Outro, porque era Pedro, queria o São Pedro. A gente arranjava logo. Se não tínhamos nessa altura, íamos depois entregá-lo. Por exemplo, havia uma feira em Felgueiras e há lá uma aldeia que o patrono era o São Jorge. O que mais lá vendia era o São Jorge. Então, levávamos sempre uma grande quantidade daquele santo. E assim noutros lados, onde era o padroeiro, levávamos sempre mais daquele. Depois vendíamos muito pela Páscoa, vendíamos sempre mais.

Nós emoldurávamos os santos em casa. Comprávamos e cortávamos o vidro. Vendíamos conforme podíamos. A pronto pagamento era um preço e a prestações é que era preço fixo. A prestações era 100 escudos. Ora nós nas feiras vendíamos a qualquer preço porque o trabalho era inferior. A estampa era quase igual, só a moldura é que era diferente. Ainda tenho um santo que já tem 50 e tal anos.

"Se comprassem dava o tempo bem entregue"

Tenho histórias boas e más dessa altura. Às vezes, corria bem e outras vezes corria mal. Uma vez fui fazer a feira a Lousada e à hora do almoço ia-me a sentar. Chegava uma freguesa, mas não comprava nada. Vinha outra freguesa e não me comprava nada. Estava tão aborrecido porque tinha mandado vir o almoço desses feirantes que os levam para as feiras. É que não me deixavam comer e não me compravam nada. Porque se elas comprassem, eu levantava-me e dava o tempo bem entregue, por me levantar. Mas é que era mesmo quando eu ia a sentar que elas chegavam. Estava lá o meu patrão, mas eu já estava tão desanimado que agarrei e disse:

- Eu já não me levanto mais! Vá lá atendê-los, que eu ainda não fui capaz de vender nada.

Mas o que mais me custava eram as roupas. Vendíamos roupas mas não em grandes quantidades. Mexiam e depois não compravam nada. O que mais me chateava era aquilo. Iam a pegar nas roupas e eu mandava logo mexer naquilo que era deles. Só o trabalho que me davam, desenrolavam-me tudo. E depois não compravam nada. E aí eram pior as mulheres do que os homens.

O cobrador das quinquilharias

Uma altura, ao pé de Penafiel, era a primeira feira que a gente lá fazia e ainda não estávamos práticos naquilo, como se passavam as coisas naquela terra. Aparece lá um bando à porrada uns com os outros e começaram a tombar para cima da banca. Nós tínhamos muita quinquilharia, muitas miudezas. Então, quando fomos fazer uns negocizitos, faltavam lá coisas. Foi naquele reboliço, que os gajos fizeram, meteram coisas na algibeira, porque a quinquilharia era boa. Depois contáramos isso em Penafiel, aos Peixotos, que eram os que nos vendiam a revenda:

- "Vocês ainda não estão práticos nisso. Eu vou-lhes indicar um homem bom para isso."

Foi-nos indicar um cobrador, um homem bom para isso. Era um membro das Serradelas, da rua dos gatunos. Era filho do guarda-rios, o Avelino, um gajo grande. E assim foi. Fôramos fazer a feira de São Simão lá em Penafiel. Daí por um bocado, eu estava lá na venda, vejo-o a botar as mãos a um miúdo. Bota-lhe as mãos, o gajo levava na algibeira umas medalhazitas, um isqueiro, uma flautazita. Fê-lo pôr aquilo tudo lá. Depois fomos lá agradecer ao Peixoto:

- Já temos homem!

Depois contratáramos o Avelino para ficar de cobrador e ficou ainda lá muito tempo. Mas depois foi fazer o exame para a polícia e ficámos sem cobrador. Mas também deixámos de vender quinquilharias e já vendíamos mais pelas portas. Pegávamos no carro e íamos para Cinfães, para Baião, íamos por aquelas terras. Corremos aquela zona toda de Penafiel, Marco, Mesão Frio, Lousada, Paredes, Paços de Ferreira e Freamunde. Íamos a Felgueiras, Alto da Lixa e Amarante. Essas feiras não perdoávamos, era sempre. Ali de Guimarães para a frente, para Fafe, era só as de ano.

De volta a Lisboa

Estive em Penafiel quatro anos. Depois de lá fui para Lisboa. Trabalhar para o J. Nunes Correia, para o ar condicionado. Essa casa tem uma filial no Porto, que ainda lá fui duas vezes, na Rua da Firmeza, 488. Primeiro foi alombar tubos, que era nos armazéns, na 24 de Julho. Depois mudaram-me para a fábrica, na Boa Hora. Aí o trabalho era bom. Fui para ajudante de camioneta. Andei uns três anos. Depois fui para ferramenteiro. Depois estive de porteiro. E de porteiro é que vim para o Piódão, porque a casa foi à falência. Ainda lá me ficaram a dever 170 e tal contos.

"Trabalho muito ruim"

Também fiz os correios, durante dois anos, quando vim do Porto. Ficava em Pomares, de lá vinha para o Piódão e do Piódão para Pomares. Os correios eram um trabalho muito ruim. Por exemplo, quando os meus irmãos fizeram, saíam do Piódão e voltavam. Mas eu, quando tomei conta dele, tinha de sair de Pomares. Então, tinha lá uma casa. Saía às nove horas e estava no Piódão ao meio-dia. Depois saía às três horas e chegava a Pomares às seis horas. E, na altura dos meus pais, não era o dia inteiro. Eu dava mais voltas do que eles davam. Em três horas tinha que fazer tudo a pé, que ainda não havia estradas. Passava por outras terras. Eram 11 malas que eu tinha que levar. Levava a Chãs d'Égua, ao Sobral Magro, Porto Silvado, Vale de Torno, Soito da Ruiva, Sobral Gordo, Mourísia e Agroal. A pé. No Soito da Ruiva, Sobral Gordo e Mourísia vinham-nas trazer a Sobral Magro e eu era quem entregava. E de Vale de Torno e Porto Silvado vinham-mas trazer ao caminho que depois eu levava. Eu tinha de fazer em três horas, porque a camioneta do correio de Pomares saía às seis da tarde. Ia apanhar o comboio a Coimbra. Por isso tinha de sair naquele horário. Por dia

ganhava 23 escudos e quinhentos. Mas o pessoal a trabalhar nos campos ganhava 20 escudos. Só ganhava mais 3 escudos e 50.

Costumes *Outros tempos*

O Natal à volta de uma fogueira

No Natal fazia-se uma fogueira. Depois cada um, como era a altura que estavam os fumeiros cheios de se matar os porcos, com as chouriças a secar, ia buscar uma chouriça e juntávamos todos lá na fogueira, lá dentro de uma panela. Cozíamos ali as chouriças, cantávamos e passávamos lá a noite. Era onde está o chafariz, era aí que era feita a fogueira. Agora têm-na feito, mas é no largo. Mas já não mete aquilo que era dantes. Em casa comíamos as couves, o que se podia arranjar e um bocado de bacalhau. Na fogueira, eram a chouriças que lá se cozia mas era todos em paródia, todos em convívio. Doces nessa altura, faziam uma tigeladazita, lá faziam uns docitos mas não era muito que a economia, nessa altura, não era como agora, que se come doces até demais. Nesse tempo era o arroz-doce, mas isso era só pelas festas.

Presentes de Páscoa

Pela Páscoa os padrinhos davam aos afilhados uns presentes. Ia-se à missa, depois da missa, andava o padre pelas ruas. Entrava em todas as casas com a cruz e dava as boas festas. E andavam uns homens com os cestos para levar os queijos. Toda a gente tinha galinhas, davam os ovos, aquilo que tinham em casa. Então, nessa altura, é que faziam mais doces, já faziam o pão-de-ló, as filhoses e os bolos para dar de foliar ao padre e para as crianças comerem também. Faziam jejum na Quaresma. Mas eu nunca fiz muito jejum.

Lugar *Um pouco do Piódão*

Calcar a neve de joelhos

Os Invernos eram muito frios, muito rigorosos. Éramos nós, em minha casa, que fazíamos o correio do Piódão. Fizéramos durante 30 anos. O correio do

Piódão para Pomares. Tínhamos de calcar a neve, pela serra fora. Mas caíam nevões que, às vezes, dava pela cintura. O vento juntava a neve e a gente via-se aflito para a cortar, para levantar os pés. Às vezes, era de joelhos por cima dela. Não havia sapatos. Eram umas botas. Quando ia à Lousada fazer a feira, havia lá uma terra chamada Maceira, que faziam o que lá chamam de socos. Nós aqui chamámos tamancos. Faziam os tamanqueiros com aqueles paus e com umas brochas por baixo. Era o que se agarrava melhor à neve. Eu lembro-me disso.

Todos tinham um rebanho

Toda a gente tinha um rebanhozito de gado. Uns eram maiores, outros mais pequenos por causa do estrume para as terras e a alimentação, para o leite e para fazer o queijo. Uma grande parte da alimentação cá era o queijo. O meu pai ainda teve uma cabrada. Ainda me lembro, foi mais ou menos quando eu devia ter uns 13 anos. Acabou com a cabrada porque foi obrigatório acabarem com elas.

Cálculos para cozer o pão

Fazer o pão era trabalho das mulheres. Lembro-me de as ver mas não aprendi. Tratar do forno já era para os homens. Havia uns quatro ou cinco fornos comunitários. Havia um onde está a igreja. Depois acrescentaram a igreja e foi abaixo. Há um na parte de cima da aldeia, que ainda está conservado. Mas já ninguém lá coze. Agora nem uns nem outros, não coze cá ninguém o pão. As pessoas lá se orientavam. Hoje deitava um o lume ao forno. Depois ora trazes tu, ora traz ele. Eram uns tantos por dia. A primeira que deitava o lume ao forno, a primeira que cozia, é que depois orientava os outros, para esse dia. Depois, outro dia, já era outro. Às vezes, chegavam a cozer três e quatro ao mesmo tempo. Lá elas se combinavam umas com as outras. Faziam aquele cálculo. O forno leva tantas broas, as minhas são tantas, as da outra são tantas. Chegaram a ser quatro pessoas num forno, numa cozedela. O forno comunitário trabalhava toda a semana.

O curandeiro da terra

Quando as pessoas estavam doentes era um curandeiro que havia na aldeia que curava. Era um tio de uma sobrinha minha. Depois ficou um filho dele a substituir. Ainda os conheci, tanto um como o outro, mas nunca tomei os

remédios deles. Era uns chás, mas nem sei bem porque eu nunca tomei. Mas sabia que ele era o curandeiro cá da terra.

"Já tinha mudado muito"

Quando voltei para a aldeia já havia estradas, já encontrei isso tudo. Mas, quando eu saí do Piódão, ainda a estrada chegava só aos Penedos Altos, na serra. E depois já se encontrou a electricidade e a água. Agora já há ao domicílio. Quer dizer, já tinha mudado muito.

O primeiro relato

O primeiro rádio que houve na aldeia foi um que estava em África. Mas parece que alguma coisa correu mal e veio para o Piódão. Uma vez, ele lá pôs o rádio para ouvir um jogo de futebol. Acho que era o Benfica e o Sporting. Mas nem fomos lá para dentro de casa. Deitou o altifalante para baixo e ouvimos na rua. Nessa altura, as pessoas não tinham clubes de futebol. A bola era a enxada nas mãos. Isso é que era a bola. Acho que ainda fizeram um campozito lá para a serra. Foi um padre que o mandou fazer, comprou uma bola e iam para lá. Mas eu nunca fui jogar.

O azul e as cruces nas portas

No Piódão as portas das casas são azuis. Talvez alguém começou a pôr e os outros começaram a gostar desta cor. E põe-se cruces à porta. Eu nunca quis ir nessas coisas. Nunca acreditei nisso. Diz que é por causa das trovoadas. Ainda não há muitos anos, ali em Côja, caiu uma faísca lá na torre da Igreja, onde está a cruz e esmigalhou-a. Então, diz que é por causa das trovoadas e ela cai na cruz? Não está a defender nada. Algum que se lembrou talvez de pôr isto. É gente cismática.

"Digo bem porque é a minha terra"

Do Piódão, mal não podia dizer porque é a minha terra. Tinha de dizer bem. Isto pouco tem que ver. Não vejo grandes coisas, grandes monumentos para visitar. O monumento, mais ou menos, é a igreja. De resto, não vejo grandes coisas para ver. O arquitecto Eugénio Correia é que veio à aldeia, viu isto e

começou a considerar isto como aldeia histórica. Mas eu não posso contar nada porque, nessa altura, parece que foi em 1978, eu não estava no Piódão. Passaram-se muitos anos sem eu estar na minha terra. Mas os visitantes andam para cima e para baixo. Ainda cabem na aldeia. Que sejam bem-vindos. Isto foi bom foi para o comércio. Mas para os habitantes não adianta nada. Agora para o comércio está certo. Sempre fazem uma despesazita. Há uns quartos para alugar. Sempre há uma indústria.

"Não ficou nada"

Houve um incêndio há 20 anos e eu estava no Piódão. Estava em Lisboa mas tinha vindo à aldeia. E até estava num pinhal quando começaram a gritar pelo fogo. Lembro-me muito bem desse fogo. Andou perto das casas. Nessa altura, não ficou nada. Andou a toda a volta da povoação. Estava tudo aí aflito. Cortava-se um pinheiro e com os ramos é que se apagava o fogo. Vieram os bombeiros e fizeram o que puderam, porque eles não se podiam lá meter no meio dos matos. Se eu fosse bombeiro também fazia o mesmo. Defenderam a povoação e já não foi mau.

Quotidiano "*Trabalho numas terrazitas*"

Quando vim de Lisboa para o Piódão, vim desempregado e já tinha idade. Já não podia arranjar para outro lado. Depois reformei-me. Comecei a trabalhar numas terrazitas. Já não cultivo milho, porque a gente vai comprar o pão ao padeiro. Cultivo o feijão, a batata, o vinho e as cebolas.

Sonhos "*Pensar em viver bem está certo*"

Eu nunca sonhei em ser rico. Já nasci para ser pobre e também não fiz muito por ser rico. Nunca pensei muito em riquezas. Pensar em viver bem está certo. Mas nunca fui escravo do trabalho. Trabalhava, mas também queria passar bem. Se havia um jogo e queria ir ver, ia ao jogo. Se queria ir ao cinema, também ia ao cinema. Gostava de apreciar o que era bom. Entrar num bom restaurante. Quando estava em Penafiel, ia quase sempre ao Porto comer aquela tripalhada, na Rua dos Caldeireiros. Muitas vezes ali parei. Gostava muito das tripas.



Francisco da Silva Gaspar (2003)

Avaliação Memórias de outros tempos

Eu acho importante este trabalho porque a maior parte das pessoas não sabe o que se passou neste tempo. Por isso, é que emigrou tudo. Passaram miséria. A alimentação era tudo o que criava no campo. Não havia dinheiro para comprar nada. A gente que saiu destas aldeias todas, de Malhada Chã, daquilo tudo, tudo emigrou. Não tinham passe, tinham de ir clandestinos. Atravessavam a fronteira para França. O que eles passaram, metidos no meio do mato, dias e dias a passar fome e tudo. Muita gente emigrou daqui para França, mas tudo clandestinas. Mais tarde é que já se legalizaram.